

GODOY, Roberto. E Campinas reconhece o trombone de Pantera. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 jul. 1977.

## E Campinas reconhece o trombone de "Pantera"

**ROBERTO GODOY**  
Da sucursal de CAMPINAS

Em 1975 o Pantera não existia mais. Em seu lugar havia surgido Waldemar Bento de Oliveira, competente auxiliar de pedreiro, sem emprego fixo, mas muito solicitado pelas empreiteiras de Porto Alegre. Quando Darius Milhaud escreveu na França o complexo "Concert D'hiver", para trombone e cordas, registrou apenas que deveria caber, sempre, "a um executor de bom porte, senhor de um sopro inesgotável".

Na próxima quinta-feira, Bento de Oliveira, de novo "Pantera" e Milhaud encontram-se pela primeira vez, em público, no quarto concerto oficial da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas para, sob a regência do maestro Benito Suarez, apresentar a obra, possivelmente inédita no Brasil.

Waldemar, o imenso Pantera da OSPA, de um dos clubes noturnos e do Grupo de Jazz do Rio Grande do Sul, está de volta.

Para o maestro Juarez ele é, no momento, o melhor trombonista do Brasil. Negro, 34 anos, enorme em seus 130 quilos de peso e 1,90m de altura, o solista que considera a peça "caracteristicamente difícil, rápida, moderna, quase sem pontos de apoio para facilitar a interpretação", pretendia abandonar definitivamente a música há dois anos, pressionado pelas dificuldades "agravadas por baixos salários, poucas oportunidades e um tratamento desumano". A opção, na época, era no mínimo ampla: "Eu precisava viver, decidi fazer qualquer coisa que aparecesse por aí".

Até chegar a essa fase crítica, Waldemar Pantera (o Bento de Oliveira ficou apenas para os documentos) seguiu um longo processo, repleto de altos e baixos pronunciados. Profissional autodidata, formado pelo pai, primeiro contrabaixista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, aprendeu a ler os sinais de uma partitura antes de alfabetizar-se. De seus treze irmãos,

cinco são músicos já em atividade e outros quatro "estão-se preparando para a guerra". Dois, ele levou para Campinas: Vilmar, trompetista, e Francisco, trombonista — ambos ligados a OSMC. Muito antes disso, porém, o velho Waldemar estimulava, ao máximo, o interesse dos filhos: "Quem não podia com o peso de um instrumento pegava depressa outro, aprendia rápido, com descontração", lembra Pantera que, garoto ainda, já dedilhava um cavaquinho forte.

Aos 16 anos, finalmente, com o respaldo do pai, respeitadíssimo no grupo, chegou até a OSPA onde passou por quase todos os naipes, começando com a trompa, depois o trompete, contrabaixo, percussão e finalmente, trombone. "Foi aí que parei de saltar de posição em posição — eu fazia isso porque tinha muita facilidade para me adaptar — dentro da orquestra, o que acontecia tanto que, um dia, um espectador me perguntou, depois do espetáculo: mas afinal o que é que você toca, mesmo?" — recorda Waldemar.

Durante dez anos, de 1965 a 1975, Pantera permaneceu na sinfônica de Porto Alegre, assistindo a uma crescente deterioração das condições profissionais, fazendo constantes concessões na tentativa de se manter ligado ao setor, primeiro tocando para gravação de comerciais, depois em clubes noturnos e finalmente em "lugares terríveis". A saída da orquestra aconteceu, portanto, inevitavelmente.

### CAMPINAS

No começo do ano passado, a OSMC tinha apenas dez meses de trabalho aos cuidados de um novo regente, Benito Juarez foi a Porto Alegre "decidido a não voltar sem o Waldemar". No primeiro contato, frio, tenso, a oferta de emprego foi vista com ceticismo. A atividade musical do trombonista limitava-se então a pequenos e irregulares encontros com amigos, nos fins de semana, para um pouco de jazz (o grupo que chegou a ser um dos melhores do país estava desfeito) ou chorinhos de criação livre, "mas mesmo isso já estava

acabando", recorda Pantera.

Benito insistiu. E fez uma proposta: "O senhor Bento de Oliveira, sem nenhum compromisso com a orquestra, iria a Campinas para conhecer o trabalho. Só isso. Em menos de um mês o trombone estava fora da caixa, polido outra vez e testando a acústica do teatro "Castro Mendes", sede provisória da sinfônica campineira. O processo evolutivo não se interrompeu mais. Além do concerto desta semana, Pantera prepara um recital para setembro, com obras de Nestorow, Vivaldi e Stravinsky.

"O trabalho que se faz aqui não tem similar em parte alguma. Todos estão perfeitamente identificados com a comunidade e sentindo-se unidos como uma família. A população tem um carinho especial para com a orquestra. E o Benito... bom, o Benito é a alma disso tudo, certo?" Analisa Waldemar Pantera, destacando que "a oportunidade que se deu para o pessoal jovem é maravilhosa. A maioria ainda estaria enfrentando sérios problemas se não tivesse sido atraída para Campinas". O regente para ele "genial, genioso — mas isso faz parte da coisa. Não conheci um só que não fosse assim".

O jazz ("uma segunda ou terceira paixão") não foi esquecido. Na quinta-feira, depois de um concerto — "Tannhauser", de Wagner, executado no meio de uma avenida diante de duas mil pessoas — Pantera e Valmir foram jantar numa churrascaria, fora da cidade, montada numa antiga chácara. Como estavam com os instrumentos e o dono da casa também é músico tocaram até as três da manhã. E foram convidados para criar no local um centro jazzista. Que começa a funcionar no próximo sábado, com o objetivo de promover o profissional local, segundo Waldemar "ainda muito carente: há muitos que trabalham cinco horas por noite para ganhar apenas cinquenta cruzeiros". Na quinta e na sexta-feira às 21 horas a orquestra sinfônica apresentará, além do concertino de Milhaud, "Metamorfose", de Strauss, e "A Valsa", de Ravel.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP  
CMUHE0299740

